07-12-2022

JOSÉ E OS LIVROS DE GEOGRAFIA

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

A infância é matéria literária e fonte primordial de narrativas de poetas e cronistas. O olhar infantil requisita a novidade, o espanto e a sensibilidade, como demonstra o escritor (e colunista neste espaço) Alan Machado em seu *Bestiário de infância e outras traquinagens*. Na infância encontram-se as paisagens, os lugares e os sujeitos que compõem lembranças e mares sentimentais alagados no decorrer dos nossos anos de vida. O quintal diverso de plantas e bichos, as algazarras de pássaros nos galhos e folhas das imensas mangueiras e macaúbas, as rezas ancestrais da avó e os causos do avô, os córregos, regos e bicas d'águas, os sonhos mirabolantes de garimpeiros e o trabalho intrépido de camponeses explorados por latifundiários. Tudo se transforma em possibilidade de significações por meio de narrativas que nos aproximam desse tempo primário da existência. Quando criança, no interior de Minas Gerais, tive um vizinho conhecido por todos como José da Iolanda. Neste lugar miúdo não há desconhecidos e por lá é tradição prosaica a pessoa ser chamada pelo nome acompanhado do prenome da mãe, como Ronaldo da Fátima, Rodrigo da Dora, João Paulo da Tida, Brás da Geralda e Rosana da Tina. Poucos conheceram Iolanda, mãe de José. Dizem que morreu jovem e deixou os filhos meninos na comunidade local onde cresceram misturados a parentes e amigos. Coisas ignoradas nos dicionários e enciclopédias. Entre o amontoado de poucas casas, ruas e gente, a fama de José de Iolanda corria devido ao seu ofício de pedreiro. Percorria ruas e estradas com a caixa de ferramentas amarrada na garupa de uma bicicleta velha. Guardava trena, esquadro, martelo, talhadeira, colher, desempenadeira, prumos e níveis. Imiscuído na mesma caixa, em meio a esses apetrechos, transportava de trabalho em trabalho um livro de geografia surrado de tanto ser foleado. As mãos desse trabalhador lidavam com tijolos, telhas, cimento, cascalho e livros. Vi José da Iolanda pela primeira vez quando me mudei da fazenda da Serra, na qual meu avô e minha avó eram agregados, para o distrito de Santa Rosa dos Dourados. Meu avô comprou dele o lote para construir a casa onde morei com minha avó no decorrer dos primeiros anos do ensino fundamental numa escola com nome de coronel. Apenas uma cerca de tela dividia as casas e os quintais. Naquele tempo, no lar desse vizinho havia meninos, quintal com mamoeiros e jabuticabeiras, comida farta na cozinha e livros de geografia na estante da sala. Coisa rara naquele lugar de muitos trabalhadores e trabalhadoras analfabetos, a casa de José da Iolanda tinha um armário com livros expostos aos curiosos. Esse homem simples era um colecionador de livros de geografia. A despeito de frequentar pouco a escola quando foi criança, aprendeu a ler e tornou-se mestre não apenas de obras, como também de palavras, paisagens e mapas. Detalhava as legendas dos mapas e por meio da escala calculava a distância entre cidades, países e continentes. Explicava para os filhos e a todos que o visitavam a origem da Terra fundamentado em teorias científicas como a de uma grande explosão ocorrida há mais de 4 bilhões de anos.

Dizia ainda que no interior da Terra existe magma fervente a uma temperatura jamais suportada por humanos, plantas e bichos. Em suas narrativas destacava que nosso Planeta era arredondado e girava ao redor do sol a uma velocidade de mais de 100 mil km/h. Numa localidade com primazia do imaginário religioso, para algumas pessoas as histórias contadas por esse sujeito excêntrico eram consideradas ultrajantes e profanas. Afinal, nada daquilo condizia com o que estava escrito na bíblia, único livro que os demais moradores conheciam.

José da Iolanda viveu sem nunca viajar a lugares que ultrapassassem 100 km de distância de onde nasceu e morou. Suas viagens só eram possíveis através da fantasia despertada pelas paisagens, mapas e textos contidos nos livros. Estendia um mapa-múndi puído em sua mesa no centro da cozinha e chamava os filhos e amigos para conhecerem capitais, continentes, ilhas, mares, oceanos e países. Com o dedo indicador esticado e em movimento, convidava todos a atravessarem o canal de Suez entre o mar Mediterrâneo e o mar de Suez; a visitarem as pirâmides do Egito enquanto interrogava as técnicas de engenharia que permitiram erguê-las; a nadarem no rio mais longo do mundo, o rio Nilo; a caminharem nas muralhas da China; a mergulharem nas águas azuis do mar do Caribe; a pisarem nas geleiras da Antártida e mirarem a beleza da maior ave da família de pinguins, o pinguim-imperador; a observarem a fronteira entre o México e os Estados Unidos, a imensa mancha verde da Amazônia estendida em regiões do Brasil, Equador, Peru, Venezuela e Colômbia. Passados alguns anos depois que me mudei da comunidade de Santa Rosa, soube que José ficou sozinho, sobrou apenas na companhia dos livros de geografia e da Iolanda do nome. Só a do nome, pois nem mesmo conheceu a Yolanda da letra de música do artista cubano Pablo Milanês; ou a Iolanda da letra de música do artista brasileiro Chico Buarque. A esposa e os filhos deixaram o lugar e se mudaram para uma cidade que o colecionador de livros só sabia identificar nos mapas. O jardim frontal da casa foi coberto por um muro de tijolos. As rosas vermelhas e amarelas desapareceram. O admirador dos saberes geográficos dispostos nos livros insufou-se na solidão, entregou-se ao alcoolismo, tornou-se agricultor de memórias e pedreiro de sonhos. Passava meses sem cortar o cabelo e a barba, como se fosse um navegante à procura de ilhas e terras inóspitas. Sempre tive dúvidas se o fato de José gostar de geografia era um amor expressivo e fundo pela terra e pelo ambiente onde viveu, ou se era uma vontade não concebida em palavras de conhecer o mundo, conhecer a África e a Ásia, atravessar os mares e oceanos, viver entre povos e culturas desconhecidos.

Sou geógrafo e talvez nosso grande dever seja olhar as marcas sobre a terra, o modo como a terra, as águas e as florestas são usadas para a riqueza e não para a vida e o acesso livre aos bens comuns. Hoje sou doutor em Geografia, mas as primícias dos saberes geográficos aprendi com um pedreiro. Esse personagem de minha infância partiu em sua última viagem ao desconhecido e deixou a lição de que ao abrirmos um livro de geografia somos convidados à imaginação inaugural de uma criança diante das coisas do mundo.

Referência

- Machado, Alan. *Bestiário de infância e outras traquinagens*. Goiânia: Ed. Novo Tempo, 2001.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.